

Um quadro para duas heroínas de 32

A inestimável contribuição da artista plástica Camila Giudice para a exposição “A Revolução em 32 Quadros e o Pincel Constitucionalista”, no TRE-SP, evidenciou sua grande habilidade em interpretar os mitos da Epopeia dos Paulistas. Um quadro, porém, foi preparado especialmente para ser apresentado no desfile cívico-militar de 9 de julho de 2025. Seu título: “Duas bandeiras para os paulistas – uma rosa para São Paulo”. Nele, as combatentes constitucionalistas Maria Sguassábia e Maria Soldado estão cerzindo, respectivamente, as bandeiras brasileira e paulista, sob o olhar tristonho de Nossa Senhora Aparecida, padroeira católica do Brasil. As três figuras femininas estão impassíveis ao cenário dantesco da guerra ao fundo, esfumado pela explosão das bombas lançadas por um avião presente no momento pictórico. Não só como cozinheira, enfermeira, costureira e operária, mas também no fronte a mulher paulista se fez presente.

A araraquarense Maria Stela Rosa Squassábia (1899-1973) viu, na zona rural de São João da Boa Vista onde lecionava, um soldado constitucionalista desertar. Pegou, então, o fuzil abandonado, vestiu uma farda e, passando-se por “Mário”, foi lutar ao lado do irmão Antônio. Descoberta sua verdadeira identidade, implorou para continuar como combatente. A isso o lendário comandante Romão Gomes aquiesceu, por considerar que ela se tornaria um exemplo de encorajamento aos demais soldados. Participando de lutas encarniçadas na região de Vargem Grande do Sul, Maria Squassábia acabou prendendo um tenente mineiro e, por isso, foi logo promovida a cabo. Depois do conflito, aquele militar conseguiu que ela fosse exonerada do cargo de professora.

A cozinheira limeirense Maria José Barroso, a Maria Soldado (1895-1958), alistou-se, de início, como enfermeira na famosa Legião Negra, que guerreava na frente sul paulista. A certa altura, conseguiu uma farda e, fingindo ser homem, foi arregimentar negros e índios. Ao ser ferida em combate, revelou-se seu sexo. Nos anos 1950, sempre empunhava a bandeira do estado de São Paulo nos eventos cívicos da Pauliceia. Nas

comemorações do Jubileu de Prata da Revolução Constitucionalista, em 1957, foi eleita “A Mulher Símbolo de 32”. Em 11 de fevereiro de 1958, morreu sozinha, num quatinho qualquer da Rua da Consolação. No dia seguinte, o poeta Paulo Bomfim, seu amigo, publicou, em coluna que assinava no Diário de S.Paulo, “Canção de Despedida para Maria Soldado”, cujos primeiros versos são: “Parte, Maria Soldado, / Com rosas em teu fuzil, / Pela estrada iluminada / Que nasce em Nove de Julho!”.

O título que emerge do quadro de Camila é expressivo: as bandeiras brasileira e paulista contrapõem-se à falsa propaganda getulista sobre o separatismo de São Paulo; já a “rosa” foi tirada do nome de Sguassábia e do poema de Paulo Bomfim. Sorvendo inspiração a partir do mítico quadro “A Liberdade guiando o povo” (1830), de Eugène Delacroix, Camila Giudice, em seu novo trabalho, lança mais algumas indelévels pinceladas no imaginário paulista projetado na História do Brasil.

José D’Amico Bauab

Quadro de autoria de Camila Giudice

